

Conceitos sobre pornografia e consentimento, o que isso tem a ver com ensinar biologia?

Paulo de Tassy Rodrigues Rocha

Discente na graduação em biologia (licenciatura) pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), campus de Araguaína
tassy.rocha@mail.uft.edu.br

Víctor Almeida Rivero

Discente na graduação em biologia (licenciatura) pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), campus de Araguaína. Integrante do Programa de Educação Tutorial em Ciências da Natureza, da UFNT.
victor.rivero@mail.uft.edu.br

Yonier Alexander Orozco Marin

Programa de Pós-Graduação em estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professor no curso de Licenciatura em Biologia da UFNT; Doutor em Educação Científica e Tecnológica (UFSC), Mestre em Ensino de Ciências e Matemática (UFAC), Licenciado em Biologia (UDFJC).
yonier.marin@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-4095-4875>

Resumo

O objetivo deste trabalho foi contribuir na formação de professores de biologia em relação à abordagem da pornografia em aulas de biologia, por meio da descrição e caracterização do desenvolvimento de uma oficina proposta por professores de biologia em formação com público masculino, sobre percepções de consentimento e pornografia. O trabalho coloca em discussão o imaginário de determinismo biológico sobre o impulso ou instinto sexual masculino que circula na sociedade, por meio da discussão sobre o consentimento e os ensinamentos contrários ao consentimento que perpassam a pornografia de maior circulação comercial. A pesquisa, de tipo interventiva, consistiu no planejamento de uma oficina implementada com público masculino não escolar, ao redor dos conceitos de pornografia e consentimento. Foi aplicado um questionário com os participantes caracterizando seu contato e percepções sobre a pornografia e suas concepções sobre consentimento, encontrando que o consumo de pornografia pode influenciar as concepções sobre consentimento, mas que é possível promover discussões socialmente relevantes sobre essa problemática desde o ensino de ciências e biologia.

Palavras-chave: Educação sexual, Ensino de Biologia, Gênero, Sexualidade.

Concepts about pornography and consent, what does this have to do with teaching biology?

Abstract

The objective of this work was to contribute to the training of biology teachers in relation to the approach to pornography in biology classes, through the description and characterization of the development of a workshop proposed by biology teachers in training with a male audience, on perceptions of consent and pornography. The work puts into discussion the imaginary of biological determinism about the male sexual impulse or instinct that circulates in society, through the discussion about consent and the teachings contrary to consent that permeate pornography with greater commercial circulation. The research, of an intervention type, consisted of planning a workshop implemented with a non-school male audience, around the concepts of pornography and consent. A questionnaire was applied to participants characterizing their contact and perceptions about pornography and their conceptions about consent, finding that pornography consumption can influence conceptions about consent, but that it is possible to promote socially relevant discussions about this issue from science teaching and biology.

Keywords: Gender, Sexuality, Sexual education, Teaching Biology.

Conceptos sobre pornografía y consentimiento, ¿qué tiene esto que ver con la enseñanza de la biología?

Resumen

El objetivo de este trabajo fue contribuir a la formación de profesores de biología en relación al abordaje de la pornografía en las clases de biología, a través de la descripción y caracterización del desarrollo de un taller propuesto por profesores de biología en formación con un público masculino, sobre percepciones de consentimiento y pornografía. El trabajo pone en discusión el imaginario del determinismo biológico sobre el impulso o instinto sexual masculino que circula en la sociedad, a través de la discusión sobre el consentimiento y las enseñanzas contrarias al consentimiento que permean la pornografía con mayor circulación comercial. La investigación, de tipo intervención, consistió en la planificación de un taller implementado con un público masculino no escolar, en torno a los conceptos de pornografía y consentimiento. Se aplicó un cuestionario a los participantes caracterizando su contacto y percepciones sobre la pornografía y sus concepciones sobre el consentimiento, encontrando que el consumo de pornografía puede influir en las concepciones sobre el consentimiento, pero que es posible promover discusiones socialmente relevantes sobre este tema desde la enseñanza de las ciencias y la biología.

Palabras clave: Educación sexual, Enseñanza de la biología, Género, Sexualidad.

Introdução

Etimologicamente, a palavra pornô vem do grego - *pórnē,ēs* - (prostituta ou depravada) e *graphein* (escrever), e representa qualquer material destinado a causar excitação erótica. Tal conceito pode ser observado desde os povos do paleolítico, que remontam a 28.000 e 25.000 a.C. Nessa cultura expressões artísticas em estatuetas e pinturas das mais variadas formas eram comuns, onde o significado poderia dispor do propósito meramente de excitação sexual, ou de acordo com White (2006), seria uma representação da fertilidade ou deusa mãe.

Dentro do mesmo cenário, avançando alguns milênios na escala do tempo, pode citar-se também o *Kama Sutra*, que é obra de origem Hindu datada desde os primeiros achados escritos há mais de 2000 anos a.C, que descreve e ilustra detalhadamente 529 posições sexuais, que são tratadas pela religião hinduísta com um viés sacral, simbolizando principalmente o amor, prazer e a união, como descrito por Barrett (1962). Na mesma época, os Etruscos trabalhavam detalhadas ilustrações seus vasos de cerâmica, representando diversos contextos do cotidiano, incluindo, atos sexuais. Outra importante exemplificação na história abordando da temática erótica é a cultura Greco-romana, que expressava suas representações eróticas em formas fálicas em estátuas variadas formas de pinturas, além de ostensivas apresentações teatrais.

Pelas ações do Teatro das Orgias e dos Mistérios tudo pode acontecer: masturbação, menstruação, ato sexual normal, ato homoerótico o mais íntimo e mesmo as formas extremas da perversão como o erotismo, o excesso, as formas destrutivas sadomasoquistas em honra aos deuses Cupido (Eros), Dionísio (Baco) e Tânatos (Mors). (Nitsch, 2004, p. 88. Tradução Lage, A.).

Todos os exemplos citados destacam a forma como o contexto permeia a narrativa humana de maneira intrínseca, moldando eventos e circunstâncias na trajetória da humanidade, evidenciando a complexa teia de influências culturais, sociais e políticas que moldam a percepção e a evolução da história ao longo do tempo, como dito por Reinhold Aloysio Ullmann:

Encarada sob os mais variados aspectos, a sexualidade humana pervade a história, desde as origens da hominização até aos dias de hoje. Em todas as faixas etárias, o sexo representa e sempre representará, para os seres humanos, um polo magnetizador de interesse e renovada curiosidade (Ullmann, 2005, p.15)

Este panorama histórico revela de forma significativa como as representações artísticas e rituais relacionados à representação da sexualidade permeiam as eras, oferecendo uma perspectiva da diversidade cultural ao longo do tempo. Esse fenômeno pode ser claramente observado nas figuras 1, 2 e 3, que servem como testemunhas de diferentes interpretações sociais e períodos, incorporaram a dimensão íntima da experiência humana em suas expressões artísticas e práticas rituais, refletindo, normas culturais e valores de suas respectivas épocas.

Figura 1

Vênus de Willendorf foi esculpida há 30 mil anos durante o Paleolítico Superior.

Figura 2

Uma ânfora etrusca com 2600 anos ilustrativa.

Figura 3

Uma das mais de 500 posições para o sexo no Kama Sutra.



Fonte: revistagalileu.globo.com

Fonte: Museo Nazionale Romano.

Fonte: Tranh Rajasthani, th? k? th? 18

Em sua pesquisa, Michael B. Robb e Supreet Mann (2023) nos trazem uma pergunta muito importante a ser feita “O que significa crescer em um mundo onde a pornografia é de fácil acesso desde jovem?”. A partir desta pergunta podemos inferir que a pornografia se faz presente no cotidiano de muitos jovens nascidos na nova era da tecnologia. Robb e Mann (2023) também afirmam que existem diversas razões pelas quais o uso de pornografia por jovens possui tão poucos estudos, dentre elas estão razões morais, éticas, políticas e metodológicas, pois “estamos presos em uma situação em que existe uma preocupação generalizada e imediata, mas sabemos muito pouco sobre as questões subjacentes” (Robb e Mann, 2023, p1). Sobre a pornografia e seu consumo recaem uma série de preceitos morais que colocam sua discussão como um tabu, a pesar de seu consumo cada vez crescente por jovens e adultos.

Robb e Mann (2023) destacam que a internet é um local onde os jovens se aventuram e exploram diversos temas, dentre eles a pornografia. Tendo em mente o fácil acesso à internet nos dias de hoje não é incomum que os jovens que tenham acesso a celulares ou laptops ou qualquer outro eletrônico com acesso à internet estejam expostos a esse tipo de conteúdo. Os autores também nos dizem que há uma certa dificuldade em monitorar e controlar esse acesso que os jovens possuem a esse conteúdo pornográfico. Robb e Mann (2023) frisam muito a importância imediata de pesquisas que abordem esse tema para que figuras como pais, mães e famílias, professores(as) e doutores(as) possam guiar e dar o suporte que os jovens precisam para uma saúde física, sócio-emocional e sexual balanceadas.

Considerando que ainda na maioria dos contextos escolares circula o imaginário de que assuntos de sexualidade devem ser abordados exclusivamente por professoras e professores de ciências naturais, é importante se perguntar se há espaço para promover discussões sobre a pornografia desde o ensino de biologia? Professoras e professores de ciências e biologia em formação estão recebendo preparação para discutir e abordar responsabilmente esse assunto? Segundo Marin (2019) o discurso biológico que circula nas escolas sobre gênero, corpo e sexualidade se enquadra principalmente em paradigmas binários, biomédicos e moralistas, silenciando elementos de subjetividades. Desde esse paradigma biomédico parece não se apresentar espaço para discutir pornografia em sala de aula.

A pornografia, como conteúdo midiático, é consumida em diversas escalas e é conhecido por afetar pessoas de diferentes idade. Entre os fatores que mais contribuem para o contínuo aumento do consumo exagerado de pornografia está a grande facilidade de acesso a este conteúdo, algo que por sua vez é resultado do aumento da tecnologia e dos efeitos da globalização. Segundo Isabella Resende (2023) é extremamente comum que atualmente haja uma maior tendência do ser humano a desenvolver compulsões por diversos objetos, dentre os mais comuns está a pornografia. Resende (2023) também afirma que os avanços tecnológicos e científicos acelerados observados nas últimas décadas possuem vulnerabilidade, instabilidade e mal-estar como consequências que atualmente afetam grande parte da população do século XXI, onde explorando estudos sobre hábitos de consumo em sites de conteúdo erótico, foi constatado que aproximadamente 22 milhões de indivíduos se envolvem com pornografia no Brasil (GLOBO, 2021).

Laís Landes Monteiro e Alexandra de Gouvêa Vianna (2020), destacam que não é nenhum segredo para aqueles que tiveram contato contínuo com a pornografia que essa mídia é caracterizada principalmente pela exibição de mulheres, que tendem a ser caracterizadas como objetos sexuais desumanizados, que sentem prazer no ato de violação e que existem com o único propósito de satisfazer os desejos masculinos. Monteiro e Vianna (2020) ainda nos dizem que esta caracterização da mulher leva a uma normalização do desprezo, da humilhação, da culpabilização e da raiva contra o gênero feminino por parte da nossa sociedade. Se considerarmos o discurso disseminado pela pornografia como um reflexo do sistema atual de dominação masculina e sociedade patriarcal, poderemos encontrar a raiz dessas relações de subordinação e degradação das mulheres em materiais pornográficos.

Podemos afirmar que são jovens que fazem consumo desse conteúdo por meio dos dados de Robb e Mann (2023), os quais mostram que 15% dos jovens de 10 anos ou menos já tiveram contato com a pornografia, assim como 54% dos que possuem 13 anos ou menos e também 73% dos que possuem 17 anos ou menos, em média os jovens estão consumindo pornografia entre meados dos seus 12 anos de idade, sendo a maioria homens.

Seja importante destacar que neste trabalho, quando fazemos referência ao consumo de pornografia na atualidade, estamos fazendo referência à pornografia de maior circulação comercial, geralmente de maneira gratuita e disponível por acesso na internet. Pois como lembram Valencia e Marin (2022) essa é a pornografia mais consumida e de mais fácil acesso, porém, atualmente existem outros movimentos em relação ao pornô, de menor circulação e disponibilidade, como os movimentos pós-pornô, o pornô feminista, entre outros, que propõem outras vivências e experiências em relação ao pornô, mas que não são objeto de discussão neste trabalho, pois aqui problematizamos o pornô *mainstream*, de maior circulação comercial.

Após essas considerações é importante que seja feita a pergunta “Como esse tema se encaixa no ensino de biologia?”, para responder esse questionamento podemos traçar um paralelo com o artigo de Suzana da Conceição de Barros e Paula Regina Costa Ribeiro (2021) onde é afirmado brevemente que os efeitos do sexting se enquadram no contexto da educação por estarem entrando nas escolas através dos(as) alunos(as). Tendo em mente que os jovens têm acesso fácil e contínuo ao conteúdo pornográfico podemos fazer a conexão que este assunto também está intrinsecamente ligado aos jovens que ensinamos nas escolas no

nosso dia a dia como professores(as). Em seu artigo Barros e Ribeiro (2021) afirmam também que nós professores de Biologia devemos trabalhar visando algo além de questões orgânicas do corpo e integrar discussões que estejam ligadas às questões sociais, culturais e tecnológicas.

Dessa maneira, podemos introduzir outro conceito importante para a discussão e que traz á tona a possibilidade de discutir conceitos e discursos biológicos em relação à pornografia. Trata-se do conceito de consentimento. Em discussões cotidianas costuma-se a associar a sexualidade masculina de homens cisgênero com desejos sexuais mais intensos como produtos de seus hormônios, os chamados de impulsos ou instintos sexuais (Bonfim, 2005). Desde este imaginário, supõe-se que homens são empurrados pela sua natureza a procurar satisfação sexual o tempo todo, ignorando elementos como o consentimento, o diálogo, as relações culturais, a responsabilidade afetiva, entre outros. Ou seja, de alguma maneira a biologia, ou melhor, imaginários e discursos construídos sobre a biologia, acabam sendo utilizados para justificar violências sexuais e de gênero, inclusive em contextos escolares (Marin, 2019).

O consentimento não é um conceito derivado da biologia, e seu uso se estende em diversas dimensões, inclusive as legais, pois hoje é colocado como categoria que pode até definir a licitude de um ato sexual. Segundo Fernandes e colaboradores:

O consentimento, tal como pensado jurídica e filosoficamente, localiza-se na linha oposta da violência. Assim, a violência sexual existe quando se viola o consentimento do sujeito (Zilli, 2018) ou quando a violência pode ser presumida, a exemplificar pelo estupro de pessoas consideradas juridicamente vulneráveis. A vulnerabilidade é um aspecto que impacta diretamente a almejada autonomia do sujeito que consente e que serve juridicamente como justificativa para anular o consentimento, como é o caso do tráfico e pessoas para fins de “exploração sexual”. (Fernandes et al., 2020, p. 168).

No imaginário da determinação biológica do instinto ou impulso sexual, assume-se que esse instinto ou impulso é tão forte, próprio de homens cisgênero, que diante da força desse impulso ou instinto não caberia diálogo ou mesmo o respeito à autonomia de outros sujeitos, ou seja, não haveria a necessidade do consentimento do outro sujeito. Consideramos que o ensino de ciências e biologia pode desempenhar um papel muito importante na discussão desse imaginário social do determinismo biológico sobre o impulso sexual de homens cisgênero. Aspecto que sugere a necessidade de assumir a discussão e problematização da pornografia em sala de aula, pois como médio pelo qual muitas crianças, jovens e adultos se aproximam para entender o que seria sexo ou o ato sexual (Valencia e Marin, 2022), circulam na pornografia mensagens e discursos de violência sexual sem consentimento (Monteiro e Vianna, 2020).

Destacamos que o objetivo deste trabalho não é necessariamente categorizar como negativo por si mesmo o consumo de pornografia, mas sim, destacar a necessidade urgente de tirar esse debate do privado, e torná-lo público em espaços escolares e familiares, com possibilidade de discussão atualizada, livre de moralismos e com viés de justiça de gênero e social.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho foi contribuir na formação de professores de biologia em relação à abordagem da pornografia em aulas de biologia, por meio da descrição e caracterização do desenvolvimento de uma oficina proposta por professores de biologia em formação com público masculino, sobre percepções de consentimento e pornografia.

Metodologia

Contexto

O presente trabalho se enquadra como uma pesquisa de natureza interventiva. Segundo Teixeira e Neto (2017) a pesquisa de natureza interventiva articula ação e pesquisa. Dentro dos tipos de pesquisa que compreendem a pesquisa de natureza interventiva, esta pesquisa se classifica como uma pesquisa de aplicação, pois envolve planejamento, aplicação e análise de dados sobre o processo desenvolvido (Teixeira, Neto, 2017), neste caso, uma oficina abordando a problematização sobre conceitos de pornografia e consentimento, ministrada por dois professores de biologia em formação, com público masculino não escolar.

O presente estudo foi desenvolvido na integra no contexto da disciplina obrigatória intitulada "Metodologia de Ensino em Biologia II", ofertada no âmbito da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), inserida no currículo do curso de Licenciatura em Biologia, na qual temáticas associadas à justiça social no ensino de biologia são abordadas. Como projeto da disciplina, optamos por problematizar a pornografia de maior circulação comercial, desde uma perspectiva de discutir imaginários e discursos biológicos que circulam sobre a ideia de instinto ou impulso sexual, em contrapartida com a ideia de consentimento como respeito à autonomia dos corpos e que envolve responsabilidade afetiva. Optamos por escolher público masculino para aplicar a oficina pela importância de envolver masculinidades nos debates sobre gênero e sexualidade (Marin, 2022).

Como parte do projeto, desenvolvemos uma oficina, a maneira de reunião em ambiente virtual por meio da plataforma Google Meet, distribuída ao longo de dois dias distintos, sendo três integrantes alocados no primeiro dia e dois no segundo. A delimitação temporal buscou otimizar a adaptação aos horários disponíveis para todos os participantes que compõem a referida atividade. Os cinco participantes, autodeclarados homens heterossexuais cisgêneros, apresentam uma faixa etária variada entre 19 e 40 anos, sendo membros de um grupo de amigos no aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp que mantêm uma convivência virtual há aproximadamente quatro anos. Destaca-se que a interação desses indivíduos transcende o ambiente da pesquisa, estendendo-se a atividades cotidianas, tais como participação em jogos online de diversos gêneros. Cabe ressaltar que todos os membros do grupo mantêm uma proximidade amistosa com um dos autores do artigo em questão. Essa aproximação já estabelecida foi importante para realizar a oficina, pois pelo tabu social atribuído ao tema da pornografia, pode não ser simples abordar essa temática com pessoas com as quais não se tem um contato prévio ou relações de confiança. As duas pessoas que planejaram e aplicaram a oficina são autoras do texto e professores de biologia em formação.

Segundo Mosquera, García e Araújo (2022) na formação de professoras e professores sobre assuntos de sexualidade é importante considerar o papel da vinculação de afetos, sentimentos e emoções. Esses elementos, longe de serem algo negativo, representam potência na educação para a sexualidade. Portanto, o envolvimento emocional e de amizade existente entre os realizadores da oficina e o público masculino participante, longe de ser um obstáculo, favorece intercâmbios e reflexões menos censuradas. Além disso, mesmo com a realização da oficina em formato virtual, por meio das tecnologias da informação e da comunicação, entendeu-se que por meio dessas ferramentas também podem ser promovidas reflexões valiosas sobre gênero e sexualidade, tal como destacam Rossi e Freitas (2014).

A promoção dessas discussões, na formação de professores(as) de biologia é de suma importância para fomentar uma formação sociopolítica enriquecedora onde a abordagem de temas sensíveis, como pornografia, erotização e consentimento, em conjunto com a análise de seus impactos, transcende a mera

transmissão de conhecimento técnico, ela estabelece um terreno propício para o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma compreensão mais profunda das implicações sociais desses fenômenos. Ao promover discussões dialogadas, aliadas à aplicação de questionários, a abordagem metodológica adotada a facilidade de participação ativa dos envolvidos, incentivando a expressão de perspectivas individuais e a construção coletiva, ou não, do conhecimento.

No contexto da formação sociopolítica, esse enfoque contribui na capacitação de futuros professores quanto a compreensão crítica das dinâmicas sociais relacionadas à sexualidade (Marin, 2022). A consciência dos impactos desses temas nas esferas pessoais e sociais é fundamental para o desenvolvimento de cidadãos mais informados, éticos e capazes de contribuir para um diálogo construtivo e responsável na sociedade contemporânea dentro do viés educacional e biológico (Cassiani e Marin, 2020).

Realização da oficina

No início das atividades relacionadas à oficina, procedeu-se à administração de um termo de consentimento livre e esclarecido aos participantes, o qual foi lido e ratificado por estes com o intuito de garantir aos participantes, anonimato e a preservação de sua privacidade., assim como comunicar os objetivos da pesquisa. Após aplicado o termo de consentimento seguimos para a aplicação do questionário inicial.

Ao início da oficina, com o propósito de estabelecer uma base sólida de seriedade para análise comparativa afim de garantir a eficácia do estudo, os participantes foram orientados a preencher um questionário elaborado através da plataforma Google Forms. Esse instrumento de coleta de dados foi elaborado, abrangendo uma variedade de indagações pertinentes a temática que será trabalhada como demonstrado na figura a seguir:

Figura 4

Questionário inicial aplicado com os sujeitos participantes, por meio da plataforma google forms.

The image shows a screenshot of a Google Forms questionnaire. It is divided into two columns. The left column contains four questions, each with two radio button options. The right column contains three questions, each with three radio button options. The questions are as follows:

- Left Column:**
 - Question 1: "Você faz uso de conteúdo pornográfico?" (Do you use pornographic content?). Options: Sim (Yes), Não (No).
 - Question 2: "O que você considera um conteúdo sexualizado?" (What do you consider sexualized content?). Options: Conteúdo extremamente explícito! (Extremely explicit content!), Conteúdo minimamente censurado. (Minimally censored content.), Conteúdo que insinua algum ato. (Content that insinuates some act.), Conteúdo de "Fanservice"... (Fanservice content)..., Todos... (All...).
 - Question 3: "Você acha a pornografia realista?" (Do you think pornography is realistic?). Options: Sim... (Yes...), Não... (No...).
 - Question 4: "Você acha que a pornografia tem algum impacto negativo na sociedade, no indivíduo ou mesmo nos relacionamentos das pessoas?" (Do you think pornography has any negative impact on society, the individual, or even on people's relationships?). Options: Sim... (Yes...), Não... (No...).
- Right Column:**
 - Question 1: "Você acha que o conteúdo pornográfico que temos acesso hoje em dia..." (Do you think the pornographic content we have access to today...). Options: Foi longe demais... (It was too far...), Tem temas pesados, mas nada de muito ruim... (It has heavy themes, but nothing too bad...), Está em um nível aceitável... (It is at an acceptable level...), Não tem nenhum conteúdo pesado... (It has no heavy content...).
 - Question 2: "O que você sabe sobre consentimento?" (What do you know about consent?). This question is followed by a text input field labeled "Sua resposta" (Your answer).
 - Question 3: "Você assiste pornografia só por entretenimento ou para realizar o ato de masturbação?" (Do you watch pornography just for entertainment or to perform the act of masturbation?). Options: Entretenimento... (Entertainment...), Ato de masturbação... (Act of masturbation...), Ambos... (Both...).

Fonte: Elaboração própria.

Este instrumento foi selecionado com o propósito de proporcionar uma estrutura abrangente e sistemática para a coleta de informações relacionadas ao contexto da oficina em questão. A escolha da plataforma *Google Forms* reflete a conveniência e eficácia que essa ferramenta oferece para a administração de questionários online, possibilitando uma compilação e análise eficientes dos dados obtidos.

Após a aplicação dos questionários, inicialmente, foi realizada uma breve exposição contextual de natureza histórica, por meio de uma aula expositiva dialogada (Hartmann, Maronn, Santos, 2019) abordando a origem do conceito de erotização, abrangendo desde o período primitivo do hominídeo no paleolítico, perpassando a cultura greco-romana, hinduísta, etimologia do termo pornô e culminando na análise do crescimento exponencial da produção e consumo de material adulto.

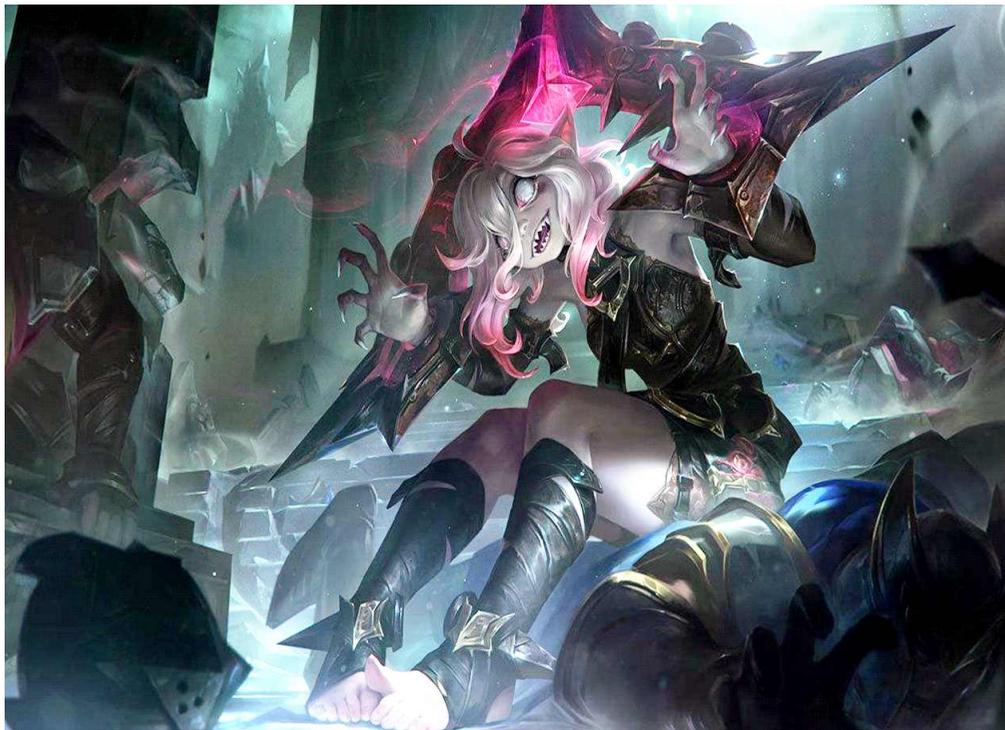
Durante a exposição da linha temporal, enfatizou-se a intrínseca inserção desse fenômeno na trama cultural da sociedade, permeando diferentes estratos midiáticos e manifestações de entretenimento. Conforme mencionado por Izabela Louzada Rocha e Laiane Caetano Fantini:

Na cultura gamer e principalmente no design de jogos AAA o corpo feminino, num aspecto geral, tem sido representado no decorrer dos anos com o intuito de satisfazer anseios de um público específico, hetero cisgênero masculino, não necessariamente buscando corresponder ao desenvolvimento dessas personagens. Ao reforçar esses estereótipos, esses jogos não só excluem parte de um público que não consegue se ver representado nesses produtos ou serviços, mas alimentam um estigma que reflete inclusive na sociedade, o de que mulheres com um fenótipo não idealizado, ou seja, mais próximos de contornos humanos, seriam “irreais”. (Rocha e Fantini, 2020, p. 430)

Foram abordados alguns conceitos recorrentes, a exemplo da erotização do corpo, um fenômeno notório em jogos e diversas fontes midiáticas de entretenimento, sendo observado pelos participantes como um padrão prevalente. O debate gerado por essa discussão suscitou preocupações sobre as possíveis repercussões na percepção social e na influência potencial que tais representações podem ter sobre os jogadores, especialmente aqueles pertencentes a uma audiência mais jovem. A erotização de corpos em jogos online foi abordado como uma das incursões da pornografia em mídias diversas, e pela proximidade em comum do grupo de sujeitos participantes com esses jogos. Esse destaque é especialmente significativo, quando consideramos as experiências compartilhadas entre os membros do grupo que levaram a reflexões mais profundas sobre a diferença entre um conteúdo erótico em si e o que vem a ser um conteúdo erotizado, sendo algo que se faz extremamente presente nos universos digitais de jogos, por vezes sendo uma leve erotização que faz parte da construção da biografia do personagem, mas em outros momentos, foge a história da figura.

A exemplo disso, pode ser citado uma personagem jogável feminina no jogo mobile *League of Legends*, chamada *Briar*. Essa personagem apresenta um visual que remete a uma lolita, termo utilizado na obra *Lolita*, do romancista Vladimir Nabokov de 1955, para designar uma personagem de 12 anos pela qual apresenta interesse romântico. Essa figura gerou debates em diversas redes sociais como *Twitter*, *Reddit* e outros serviços de streaming (forma de distribuição de mídia digital). A controvérsia, quanto a personagem, é fomentada devido a arte conceitual sexualizada e desconexa a sua biografia, causando estranhamento, principalmente considerando o enfoque aos seus pés, que pode ser interpretado como conotação fetichista conhecida como podólatra, do grego *podós*=pé e *latra*=adoração, a arte pode ser observada na figura a seguir.

Figura 5
Personagem Briar



Fonte: League of Legends

Tal conotação sexual, principalmente relacionada ao corpo biologicamente feminino também pode ser observada na sexualização dos seios, mesmo que biologicamente não haja distinção nos tecidos, exceto pelo tamanho. Como aponta Mariana Varela (2016) “Os mamilos têm capacidade erétil e respondem a estímulos sexuais e ao frio, tanto nas mulheres quanto nos homens, que também têm glândulas mamárias, embora menos desenvolvidas”, dessa forma, demonstrando uma forte herança cultural na objetificação do corpo.

Outro importante ponto abordado proporcionado dentro da oficina foi a oportunidade e um ambiente inclusivo para explorar a auto distorção da percepção corporal e das expectativas sexuais. O foco central foi a conscientização da diversidade de corpos e a fim de promover uma aceitação pessoal e cultivar relacionamentos saudáveis onde os participantes, de forma voluntária, compartilharam suas experiências pessoais de superação de inseguranças corporais durante o evento.

Um aspecto crucial a ser trabalhado quanto a temática corporal remete ao conceito de "dominação masculina". Nesse contexto, percebe-se uma ênfase na imposição de pressão sobre os homens, tanto cisgênero, como transgênero, para que expressem características como força, poder e virilidade. Essa consideração está intimamente ligada à ansiedade em torno das dimensões dos órgãos genitais e ao desempenho no ato sexual. Esse paradigma é perpetuado pelo consumo de material pornográfico, reforçando o ideal de pênis avantajado, vulvas de tonalidades claras, desprovidas de pelos e com pequenos lábios, construindo padrões que se afastam significativamente da complexidade e diversidade corporal humana. Junto a essa problemática, também foi abordada uma discussão sobre os imaginários sobre impulsos e instintos sexuais, promovendo uma compreensão da dimensão patriarcal, cultural e educacional que influencia em comportamentos de assédio (Bonfim, 2005), sem respeito ao consentimento e autonomia dos sujeitos (Fernandes *et al.*, 2020).

Analisando esse fenômeno, pode ser observada com informações relevantes provenientes de fontes de dados divulgados pela Sociedade Brasileira de Urologia (SBU). Segundo essa entidade, a extensão média do pênis entre a população brasileira oscila entre 12,5 e 14,5 centímetros quando em estado de ereção. Além disso, um estudo abrangente conduzido pelo Dr. Michael Eisenberg, professor de urologia na Faculdade de Medicina de Stanford, ao longo do extenso período de 1942 a 2021, aponta para uma medida média de 13,93 centímetros para o comprimento do pênis em estado ereto.

As mídias pornográficas frequentemente enfocam os órgãos genitais, mas é importante considerar que o corpo humano possui uma rede complexa de terminações nervosas que desempenham várias funções sensoriais, como percepção de dor, temperatura e textura. Essas delicadas áreas sensoriais não se limitam estritamente a proporcionar prazer, mas estão conectadas a uma variedade de sensações táteis, incluindo aquelas associadas ao prazer sexual, chamadas de zonas erógenas. Isso ressalta a complexidade e a diversidade das experiências sensoriais do corpo humano. Além disso, nas experiências corporais se envolvem questões das subjetividades, medos e emoções, que não podem ser desconsiderados por um viés meramente anatômico ou biomédico.

Outro ponto importante a ser considerando, é uso do conteúdo pornográfico excessivo pelos jovens e que afirmam perceber a pornografia como algo atraente por ser algo rápido e com infinitas possibilidades (Rocha, 2019). Segundo Rocha (2019) os jovens dizem não ter motivação ou capacidade para investir tempo em relações afetivas verdadeiras que poderiam resultar em uma atividade sexual. Ele ainda desta que:

Existem alguns motivos que fazem a pornografia na internet ser tão sedutora: naturalização (praticamente todos os jovens assistem), acessibilidade, gratuidade, anonimato, novidades ilimitadas, e com isso surge a possibilidade para a escalada de buscas de material cada vez mais extremo e diversificado. O sexo real, em contraste, envolve cortejos, tocar e ser tocado, conexão emocional e física de duas pessoas e seus desejos, angústias, alegrias e dúvidas. Um tempo para sentir e perceber o outro. Já na pornografia on-line o prazer é automático e unilateral (Rocha, 2020, p. 72)

Nesse sentido, o consentimento estabelece uma resistência e se opõem aos conceitos traduzidos como intuitivos, que são acentuados dentro das mídias produtoras de material erótico, acometendo atos avessos à ética, moral e direitos humanos, sempre delimitados e justificados por determinados comportamentos ou ações de terceiros que levam o indivíduo a impulsos “comparativos a animais”, mas que na realidade, demonstram um padrão comportamental, ou seja, “a sexualidade não pode ser compreendida simplesmente como um instinto orgânico. Ela é um produto da cultura. No tempo e na localidade em que ela se insere, existem variações de suas práticas e do discurso que se cria a respeito dela” (Bomfim, 2005, p. 1). Essas temáticas foram objeto de discussão na oficina.

Neste trabalho, analisamos de maneira quantitativa e qualitativa as respostas dos participantes ao questionário inicial (Figura 4). Segundo Marin, Peruquetti e Karaccas (2018) a inserção de análises qualitativas e quantitativas contribui a obter compreensões mais abrangentes sobre percepções e representações de sujeitos participantes.

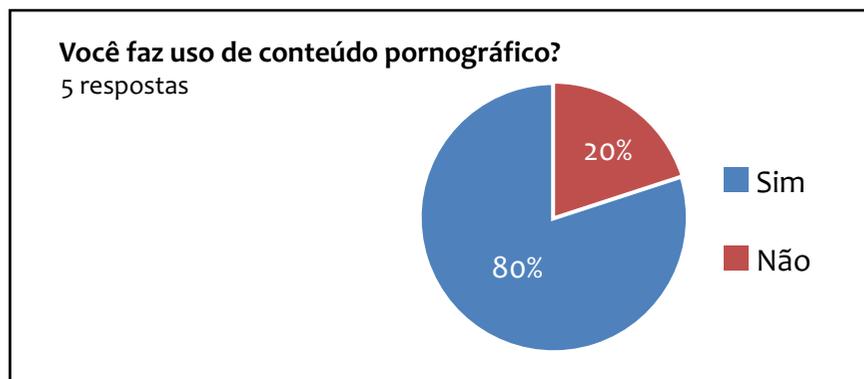
Resultados e discussão

A seguir apresentamos inicialmente as análises quantitativas das respostas dos sujeitos participantes ao questionário. Posteriormente, apresentamos a análise qualitativa das respostas às perguntas abertas, com ênfase especial as análises das percepções dos sujeitos participantes sobre o conceito de consentimento.

Na figura 06 destaca-se a primeira pergunta do questionário na qual perguntamos se os participantes fazem ou não uso da pornografia, dentre os 5 participantes um deles afirmou não fazer uso. Dito isso, no decorrer das discussões e das demais perguntas ficou claro que de certa forma os participantes já foram expostos conteúdos pornográficos. Embora não tenhamos perguntado a idade em que eles foram expostos a esse mundo fornecido pela internet, podemos inferir pelas estatísticas de Robb e Mann (2023), que eles podem ter sido expostos a esse conteúdo durante seu período de adolescência ou até mesmo pré-adolescência. Mediante a essa informação podemos concluir que não é incomum que as pessoas que têm acesso à internet também tenham acesso a esse tipo de conteúdo.

Figura 6

Gráfico de respostas à pergunta do questionário



Fonte: Elaboração própria

Na figura 07 está destacada a segunda pergunta do questionário que visa nos dar uma ideia quanto à percepção que os participantes têm do conteúdo pornográfico ao qual se tem acesso hoje em dia. Em conversa com os participantes foi acordado que a resposta “Foi longe demais...” estaria se referindo ao conteúdo explícito que contém temáticas de cunho duvidoso ou mesmo criminoso. Mediante essa pergunta, visamos tentar saber quanto ao conteúdo ao qual os participantes haviam sido expostos. Os resultados de 100% dos participantes concordando que “o conteúdo pornográfico que temos acesso hoje em dia foi longe demais...” nos diz muito sobre que tipo de conteúdo há na internet e o quão fácil é ter acesso a esse conteúdo. Segundo Lowenkron (2013) as regulações para limitar o acesso à conteúdo pornográfico de cunho criminal ou ilegal em redes sociais e internet vêm se fortalecendo, mas ainda são insuficientes, e acessar esses conteúdos é relativamente fácil para qualquer usuário.

Figura 7

Gráfico de respostas à pergunta do questionário



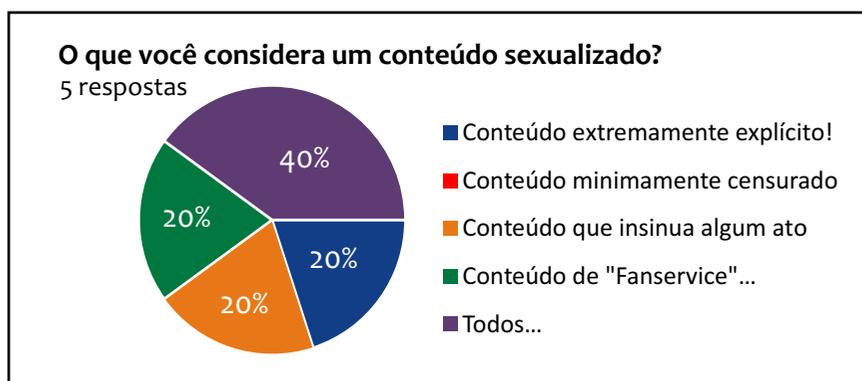
Fonte: Elaboração própria.

Podemos inferir que esses conteúdos deixaram uma impressão ruim o suficiente para que todos os participantes inadvertidamente concordarem que o conteúdo pornográfico disponível na internet tenha passado dos limites morais com os quais estamos acostumados a lidar. Isso é um conteúdo que está disponível para jovens de todas as idades que têm acesso à internet e por tanto é possível que pessoas mais jovens sejam expostas a esses conteúdos.

Na figura 08 a terceira pergunta do questionário está ilustrada em um gráfico que separa quatro conteúdos diferentes para serem escolhidos pelos participantes como conteúdos de teor sexual ou conteúdo sexualizado. Primeiro temos “Conteúdo extremamente explícito” que se refere ao conteúdo de cunho realmente pornográfico encontrado na internet. Em seguida temos “Conteúdo minimamente censurado” que também faz referência a conteúdo pornográfico, sendo que este está mais ligado à pornografia que contem alguma forma de censura. Temos também “Conteúdo que insinua algum ato” que por sua vez se refere a todo conteúdo que tenha alguma menção ao ato sexual, seja uma dança de uma personagem de jogo ou mesmo o estilo de roupas escolhidas para as personagens. Por último temos o “Conteúdo fanservice” que se refere a todo conteúdo feito para agradar a comunidade de um jogo, mangá ou fãs de alguma comunidade.

Figura 8

Gráfico de respostas à pergunta do questionário



Fonte: Elaboração própria.

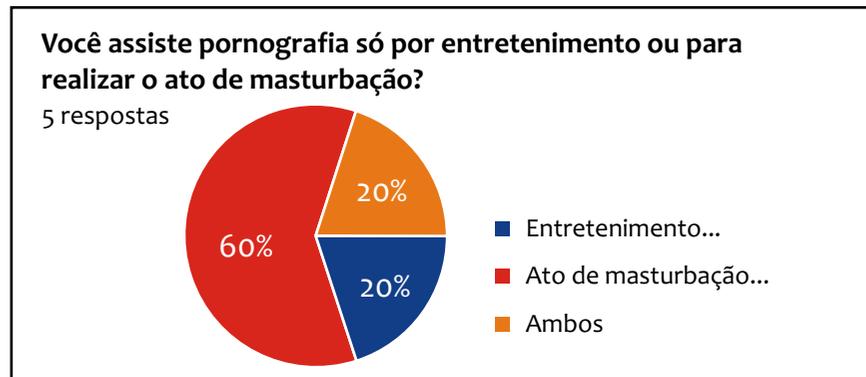
Tivemos duas respostas na categoria “todos”, o que significa que os participantes enxergam todos os conteúdos apresentados como conteúdos sexualizados ou que têm algum teor sexual. O restante dos participantes marcou cada um, uma categoria, sendo que a única a não ser votada foi a de “conteúdo minimamente censurado”. Foi explicado aos participantes que cada conteúdo englobaria o conteúdo de cima, sendo que o último englobaria “todos” os que foram apresentados acima. Isso significa que um dos participantes só considera conteúdo explícito como algo realmente sexualizado, isso pode variar de acordo com a visão de cada um dos participantes, embora seja possível que essa visão tenha sido de alguma forma formada ou influenciada pela exposição ao conteúdo pornográfico, não foram feitas perguntas que buscasse melhor concluir essa linha de pensamento.

Na figura 09, a pergunta quanto ao ato da masturbação, como finalidade da grande maioria das pessoas, acessarem o conteúdo pornográfico. Um dos participantes afirma assistir pornografia somente como forma de entretenimento enquanto um outro afirma que faz uso tanto para entretenimento quanto para realizar o ato de masturbação. Preciado (2018) afirma que a pornografia deve ser compreendida não unicamente como uma questão de preferência individual ou ato em solidário, mas como uma expressão atual do capitalismo que incursiona profundamente no prazer e subjetividades dos sujeitos, moldando comportamentos, visões sobre sociedade, afetividade, gênero e autopercepção. Para Preciado (2018) a masturbação estimulada pelo

consumo de pornografia compreende não unicamente um ato de prazer, mas também, um ato performático que constrói e sexualiza o corpo.

Figura 9

Gráfico de respostas à pergunta do questionário

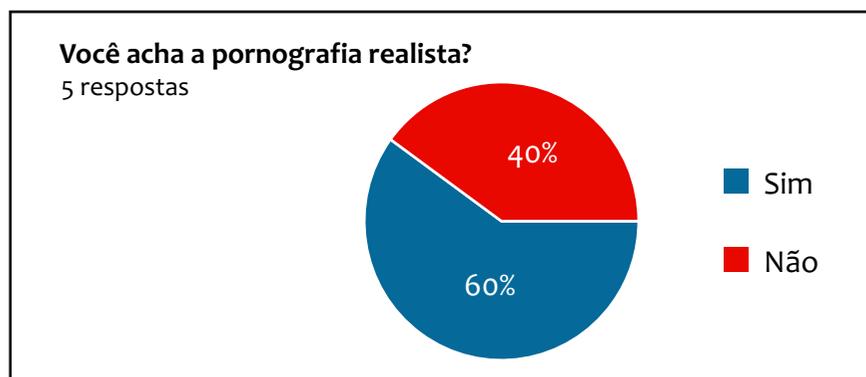


Fonte: Elaboração própria

A pergunta em questão “Você acha a pornografia realista” teve em maioria a resposta “sim” o que nos leva a uma questão interessante a ser discutida (Figura 10). A pornografia realmente é realista como os jovens entrevistados pensam? Ou ela é um meio que distorce um ato pessoal de tal forma que chega a ser nocivo para que o consome? Nesse sentido, é importante considerar a evolução histórica da pornografia e que a mesma pertence a uma indústria fortemente ligada a outras indústrias como a farmacêutica (Preciado, 2018). Portanto, a mesma não necessariamente pretende uma representação real de atos sexuais, mas recriar performances, em muitas ocasiões reforçando estereótipos corporais, de desejos e práticas.

Figura 10

Gráfico de respostas à pergunta do questionário



Fonte: Elaboração própria

Na figura 11 temos aquele que reflete as respostas quanto à nocividade do uso de pornografia. Todos os participantes concordaram que a pornografia possui um impacto negativo, seja na sociedade, no indivíduo que a consome ou mesmo no relacionamento das pessoas. Esse gráfico está nos dizendo que os participantes intuem possíveis prejuízos que o consumo excessivo de pornografia causa, mas que mesmo assim fazem uso deste meio como forma de entretenimento ou para o ato de masturbação. Isso nos mostra que há sim alguma forma de apego ou mesmo de necessidade desenvolvida por eles desse conteúdo, o que está fortemente

relacionado com a dinâmica capitalista ao redor da produção e consumo de pornografia (Preciado, 2018). Por outro lado, é importante lembrar que estas percepções aplicam para a pornografia de maior consumo comercial, porém, como destaca Leite (2012) existem transgressões e práticas contra-hegemônicas, embora ainda periféricas, na pornografia, por exemplo, a pornografia feminista.

Figura 11

Gráfico de respostas à pergunta do questionário



Fonte: Elaboração própria

Temos por fim no nosso questionário a pergunta que nos leva à análise qualitativa dos resultados. A pergunta feita no questionário foi “O que você entende como consentimento?”. Destacamos a seguir as respostas de três participantes, identificadas com códigos aleatórios:

“O consentimento para mim é o desejo da pessoa, a vontade e a autorização do ato, se há falta de consentimento de um dos indivíduos é considerado crime, estupro.” (P1)

“Consentimento para mim é quando as duas pessoas estão de acordo com o que elas vão fazer, se não houver acordo então não deveria ter nada por parte de nenhuma das pessoas envolvidas” (P2)

“Consentimento pra mim é literalmente o consenso de sentimentos, com ambas as partes de acordo com o ato e também acho que mesmo a indução (influência ou estímulos) para que ocorra algo com 'Consentimento' na minha opinião é duvidoso, enfim todos tem que sair satisfeitos no final e sem dúvidas de nada.” (P3)

As respostas dialogam com as perspectivas apontadas por Fernandes et al (2020) de que o consentimento é um conceito que pode ser compreendido desde diversas perspectivas, e que ganhou mais notoriedade nos últimos anos graças ao debate sobre a legalidade e o aspecto criminal de delitos sexuais. A fala do P1 remete a esse elemento quando menciona que atos sexuais sem consentimento de uma das partes podem ser considerados crime, inclusive estupro. Já as falas de P2 e P3 remetem a elementos que apontam para a necessidade de consenso e diálogo entre as partes quando se trata do relacionamento sexual. Nesse sentido, percebemos que a pornografia de maior consumo comercial pode afetar a noção sobre consentimento, pois nos roteiros de filmes e vídeos pornô não é comum encontrar espaços para diálogos prévios entre os atores. Tal como destacado por Monteiro e Vianna (2020) a pornografia reproduz mensagens de ódio e desprezo ao gênero feminino, perspectivas de ódios desde as quais não parece necessário o diálogo ou a troca prévia com a finalidade de compreender o consentimento como parte essencial do ato sensual.

Portanto, com este trabalho percebemos a necessidade de incluir a educação sobre consentimento nas aulas de educação sexual, educação para a sexualidade e nas aulas de ciências e biologia. A discussão sobre

imaginários que circulam na pornografia de maior consumo comercial pode contribuir nessas abordagens (Valencia e Marin, 2020). Os outros dois participantes do trabalho deram respostas mais curtas, que trazemos a seguir:

“O ato de permissão para certas ações e falas.” (P4)

“Quando vc faz um 'avança' e a pessoa permite” (P5)

Tanto estas últimas falas, como as falas dos participantes P1, P2 e P3 parecem passar uma ideia de passividade de um sujeito em relação ao outro no avo sexual, um propõe e o outro aceita. Denota-se ausência de representações sobre o consentimento como conversa para além do ato sexual. Rocha (2019) destaca que a pornografia pode aprofundar dificuldades em estabelecer relações afetivas e de diálogo em relação ao sexo, nesse sentido, também obstaculizar possibilidades de construir compreensões mais complexas sobre o consentimento.

A resposta de P5 resume o ato de consentimento como pedir permissão, como um “avança”, essa palavra usada em questão pode ter um grande número de significados, mas iremos focar em somente um. O um significado que iremos focar é haveria um ato em relação à outra pessoa, que haveria uma tentativa de se aproximar da pessoa antes de que a pessoa realmente tenha dado algum sinal de consentimento. Esse tipo de pensamento e comportamento é bem característico dos conteúdos pornográficos (Monteiro e Vianna, 2020), de maior circulação comercial, pois através do consumo e da assimilação de algumas características específicas deste conteúdo consumido é possível que surjam respostas deste cunho. O constante consumo desta mídia pode influenciar o comportamento dos jovens, uma vez que quando estamos nos desenvolvendo tendemos a emular o que mais vemos ao nosso redor. Uma vez que o que mais vemos são conteúdos pornográficos de cunho agressivo, é possível que tenhamos respostas como essa se tornando mais constantes. Insistimos em que nosso propósito não é catalogar como necessariamente negativo o consumo de pornografia, mas sim, apontar por meio dessas reflexões a importância de esforços por problematizar noções de consentimento na pornografia, abertamente com adolescentes e jovens.

Durante o desenvolvimento da oficina, os participantes compartilharam uma multiplicidade de percepções relacionadas à pornografia, abordando tanto sobre seu consumo pessoal quanto a maneira como compartilham o conteúdo dentro de seus círculos de amizade mais próximos. Essas perspectivas revelaram-se profundamente vinculadas à naturalidade com que a maioria dos participantes percebe o tema. Porém, numa sala de aula essa naturalidade e espontaneidade é mais difícil de construir entre professores(as) e alunos(as) por conta do pânico moral que o assunto da pornografia gera (Valencia e Marin, 2022). Por isso é importante pensar o aspecto das relações entre professor(a), aluno(a) e famílias, e seu fortalecimento, como uma via para poder ter conversações abertas na educação sexual e para a sexualidade de crianças e jovens desde o ensino de ciências e biologia.

As discussões proporcionaram um panorama abrangente das atitudes variadas em relação à pornografia, destacando a influência de fatores sociais e culturais na formação das opiniões individuais. Além disso, emergiu uma compreensão mais aprofundada sobre como as representações midiáticas em filmes, jogos e afins, contribuem para a construção das percepções coletivas e individuais acerca desse tema sensível. Essa troca de ideias promoveu uma reflexão mais ampla sobre as dinâmicas sociais que permeiam o público consumidor, explorando nuances que vão além da mera análise do ato em si, como por exemplo:

“Tem muito jogo que com personagens sensuais demais, não tem nada a ver com a história dela” (P1)

“Quando fiquei a primeira vez com uma mina, vi que não era nada parecido como nos vídeos” (P3)

“Eu tinha muita vergonha por causa do tamanho do meu pinto, tá ligado? Mas eu pesquisei muita coisa, e hoje sei que não tem nada a ver isso aí” (P4)

Um aspecto notável que emergiu durante a realização da atividade, foi a afirmativa dos participantes quanto ao uso de material pornográfico como uma fonte para esclarecer dúvidas relacionadas ao comportamento sexual, revelando elementos que contribuem para a perpetuação de estereótipos corporais irreais, gerando pressões em relação ao desempenho esperado durante o ato sexual (Valencia e Marin, 2022). Questões relacionadas aos estereótipos corporais podem ser identificadas entre os participantes, incluindo dúvidas sobre as representações padronizadas do tamanho e formato do pênis, onde frequentemente nos filmes adultos, essa representação é feita como sendo um membro grande e retilínea, ignorando a diversidade existente em termos de tamanhos, cores e formatos do falo.

No que diz respeito a padrões comportamentais, tornou-se claro nas análises dos dados do questionário e nas discussões durante a oficina que a prática do consumo pornográfico também influencia comportamentos considerados normais como por exemplo o papel no ato, exercendo um impacto significativo nas dinâmicas sociais e nas inter-relações. Dentro desse contexto, a discussão inicial sobre consentimento possibilitou a identificação da importância da permissão para realizar algo, com todos demonstrando compreender o significado e a aplicação desse conceito em um relacionamento antes mesmo de debater sobre demonstrando nos seguintes comentários:

“Eu não teria coragem de forçar uma mina ficar comigo sem ela querer, é barril demais” (P4)

“Meu pai conversava muito comigo sobre sexo quando eu era adolescente, então pra mim foi de boa, eu vejo vídeos mas to ligado que não é real” (P5)

Sob a perspectiva delineada, as discussões proporcionaram não apenas uma compreensão acerca do anseio em assimilar o mencionado tipo de mídia, remontando a milênios de histórias, mas também contribuíram para a tentativa de desmistificação alguns estigmas e estereótipos perpetuados pelo contexto sociocultural. Destacamos que pelo menos no nível declarativo, é possível mobilizar discussões potentes e transgressoras ao redor da pornografia com público masculino, desmitificando imaginários sobre determinismo biológico do impulso e violência sexual.

Considerações finais

Mediante os resultados obtidos através da análise das respostas dos participantes podemos inferir que os jovens estão sim em contato com o mundo da pornografia industrial que nos é exposta por toda a internet. Sendo esta pornografia cunhada em uma visão violenta do que é o ato sexual ela acaba por influenciar e modificar de forma sutil como os jovens veem essa indústria da pornografia, podendo sim afetar a forma como eles vêm o mundo e como eles entendem o que é consentimento. Contudo, nesta experiência evidenciamos ser possível promover discussões como professores de biologia em formação, para desconstruir imaginários de determinismo biológico sobre o “impulso” ou “instinto” sexual masculino violento, e mobilizar discussões pertinentes sobre o consentimento. Nesse sentido, linkar as discussões sobre pornografia às discussões sobre consentimento pode ser uma estratégia relevante no ensino de biologia, tanto em sala de aula, como na formação inicial e continuada de professoras(es).

Abordar esta temática foi de grande importância para nosso aprendizado como professores, pois nos proporcionou adentrar um mundo completamente diferente do que nós esperávamos como futuros professores de biologia. Aprender sobre um tema tão importante e tão atual que está presente na vida de

praticamente todos os nossos(as) futuros(as) alunos(as) é algo que abriu caminhos e possibilidades de reflexão sobre o nosso papel como professores, entendendo que para além dos conteúdos próprios da biologia, é importante nos apropriar também de discussões de cunho social e cultural.

Para aqueles(as) que desejam seguir uma linha de pesquisa similar a esta, recomendamos acima de tudo encontrar um número maior de entrevistados para aplicar suas perguntas, buscando uma maior diversidade no gênero e na orientação sexual dos participantes. Uma vez que esta pesquisa se restringiu bastante nesse quesito e por essa razão tem resultados também limitados. Assim como explorar as percepções dos sujeitos participantes e seus conhecimentos sobre alternativas ao pornô de maior circulação comercial, e explorar outras possíveis relações entre conteúdos da biologia e temas tão caros na sociedade atual como o combate ao assédio, à violência sexual e de gênero, entre outros.

Referências

- Barrett, L. (1962). Resenha do Kama Sutra de Vatsyayana. *Diário da Biblioteca*, 15 de outubro, 3682-3683.
- Barros, S. e Ribeiro, P. (2021) Entre nudes, vingança pornográfica e sexting: o que o ensino de biologia tem a ver com essas questões? *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 14(1), 272-289. Recuperado de: <http://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.542>
- Bonfim, V. (2005). *Sobre o dispositivo histórico de sexualidade e a educação escolar*. VIII SEMOC – Semana de Mobilização Científica.
- Cassiani, S. e Marin, Y. (2020). Outras respostas para uma velha pergunta: ¿por que e para que ensinar biologia? *Perspectivas educativas*, 10(1), 17-46.
- Fernandes, C., Rangel, E., Benítez, M., Zampiroli, O. (2020). As porosidades do consentimento. Pensando afetos e relações de intimidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), 35, p. 165–193.
- GLOBO. (2021). 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. Recuperado de <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml> em 27 de junho de 2024.
- Hartmann, A., Maronn, T., Santos, E. (2019). A importância da aula expositiva dialogada no ensino de ciências e biologia. *Memorias II Encontro de Debates sobre trabalho, educação e currículo integrado*, GIEPE – IFFarroupilha.
- Leite, F. (2012). O que é bom para elas: Cenários de empoderamento numa pornografia feminista. *Legenda*, 26, 167-178.
- Lage, A. S. O « Teatro das Orgias e dos Mistérios » de Hermann Nitsch. 2010. Estágio pós-doutoral – Universidade de São Paulo (ECA - Departamento de Artes Cênicas - Bolsista de Pós-Doutorado da FAPESP). Acesso em 19 fev 2024. Disponível em https://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/andre_silveira_lage
- Lowenkron, L. (2013). Da materialidade dos corpos à materialidade do crime: A materialização da pornografia infantil em investigações policiais. *MANA*, 19(3), 505-528.
- Marin, Y. (2019). Problematizando el discurso biológico sobre el cuerpo y género, y su influencia en las prácticas de enseñanza de la biología. *Revista Estudios Feministas*, 27(3), e56283.
- Marin, Y. (2022). *Antirracismo e dissidência sexual e de gênero na educação em biologia: Caminhos para uma Didática Decolonial e Interseccional*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Monteiro, L. e Vianna, A. (2020). Pornografia, subjetividade e violência de gênero. *Polêmica - Revista eletrônica da Uerj, Rio de Janeiro*, 20(3), 26-41. Recuperado de: <https://doi.org/10.12957/polemica.2020.63484>
- Mosquera, J., García, J. e Araújo, M. (2022). Vínculos entre Sexualidade e Afetividade na Educação em Ciências Naturais: Perspectivas de Professores em Formação Inicial na Região Sul da Colômbia. *Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências*, e34927, 1–30.
- Nitsch, H. (2004). *Das Orgien Mysterien Theater*. Catálogo da 7 exposição do Museum Modern Kunst Stiftung Ludwig Wien. Luxembourg. Tradução André Silveira Lage.
- Nabokov, V. (1955) *Lolita*. Paris: Olympia Press.
- Preciado, P. (2018). *Testo Junkie: Sexo, Drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições.
- Resende, I. (2023). *Pornografia, adicção e psicanálise: uma interface entre cultura e inconsciente*. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências, Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, no curso de Psicologia. Brasília. p. 63.
- Rocha, D. (2019). Quando o que tu consumes te consome: vício em pornografia existe? *Revista da sociedade de psicologia do rio grande do Sul, Porto Alegre*, 8(2), 70-73.
- Rocha, I. e Fantini, L. (2020). "A representação contemporânea da mulher nos jogos AAA: por que Abby causou incômodo." XIX *Simpósio Brasileiro de Games e Entretenimento Digital*, SBGames 20. Recuperado de: A representacao contemporanea da mulher nos jogos AAA (researchgate.net)
- Robb, M. e Mann, S. (2023) *Teens and Pornography*. *Commonsense*, San Francisco CA, p. 1-27.

- Rossi, C. e Freitas, D. (2014). As Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC na formação de Professores(as) em Educação Sexual: o caso das EOficinas na I COE. *Educação: Teoria e Prática*, 24 (45), 98-118.
- Teixeira, P. e Neto, J. (2017). Uma proposta de tipologia de pesquisas de natureza interventiva. *Ciência & Educação*, 23(4), 1055-1076.
- Valencia, J. e Marin, Y. (2022). Reflexiones desde las clases de biología en torno al consumo de pornografía como un presunto educador sexual. *Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática, RIECIM*, 2(2), 112-127.
- Varella, M. (2016). Mamas. Recuperado de: <https://drauziovarella.uol.com.br/corpo-humano/mamas/>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- Ullmann, R. (2005). *Amor e sexo na Grécia Antiga* (Vol. 194). Edipucrs.
- White, R. (2006). The Women of Brassempouy: A Century of Research and Interpretation. *J Archaeol Method Theory* 13, 250–303. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/s10816-006-9023-z>.